

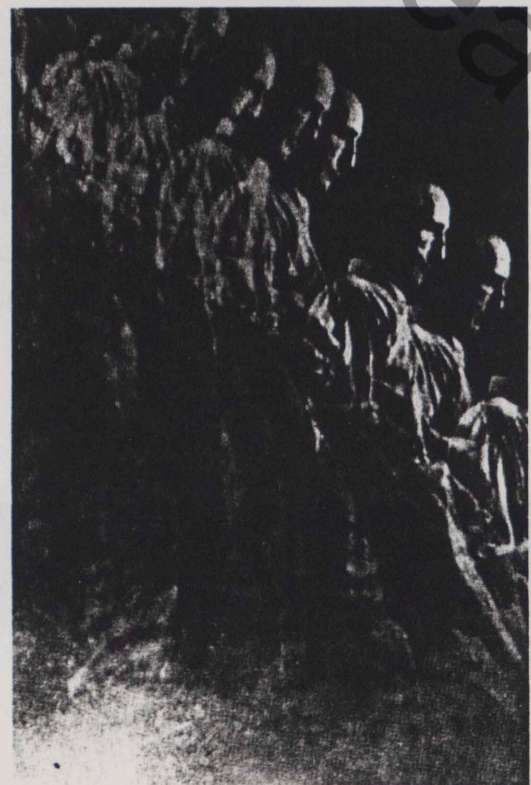
MARCEL DUCHAMP
 NU DESCENDANT UN ESCALIER
 N^o 2

Na história da arte moderna, este quadro tem uma importância similar à que, cinco anos antes, tivera *Les demoiselles d'Avignon*, de Picasso: põe em crise o Cubismo analítico, tal como o famoso quadro de Picasso pusera em crise os *fauves*. Desde o início, estudando profundamente Cézanne e os *fauves*, com espírito crítico e não isento de tendências simbolistas heréticas, DUCHAMP declarou-se contrário a uma pintura "puramente retínica"; mais tarde, acabará por abandonar a pintura tradicional e tornar-se-á um dos protagonistas máximos do movimento *dadaísta*, para o qual a obra de arte deve ser substituída pelo puro *ato estético*.

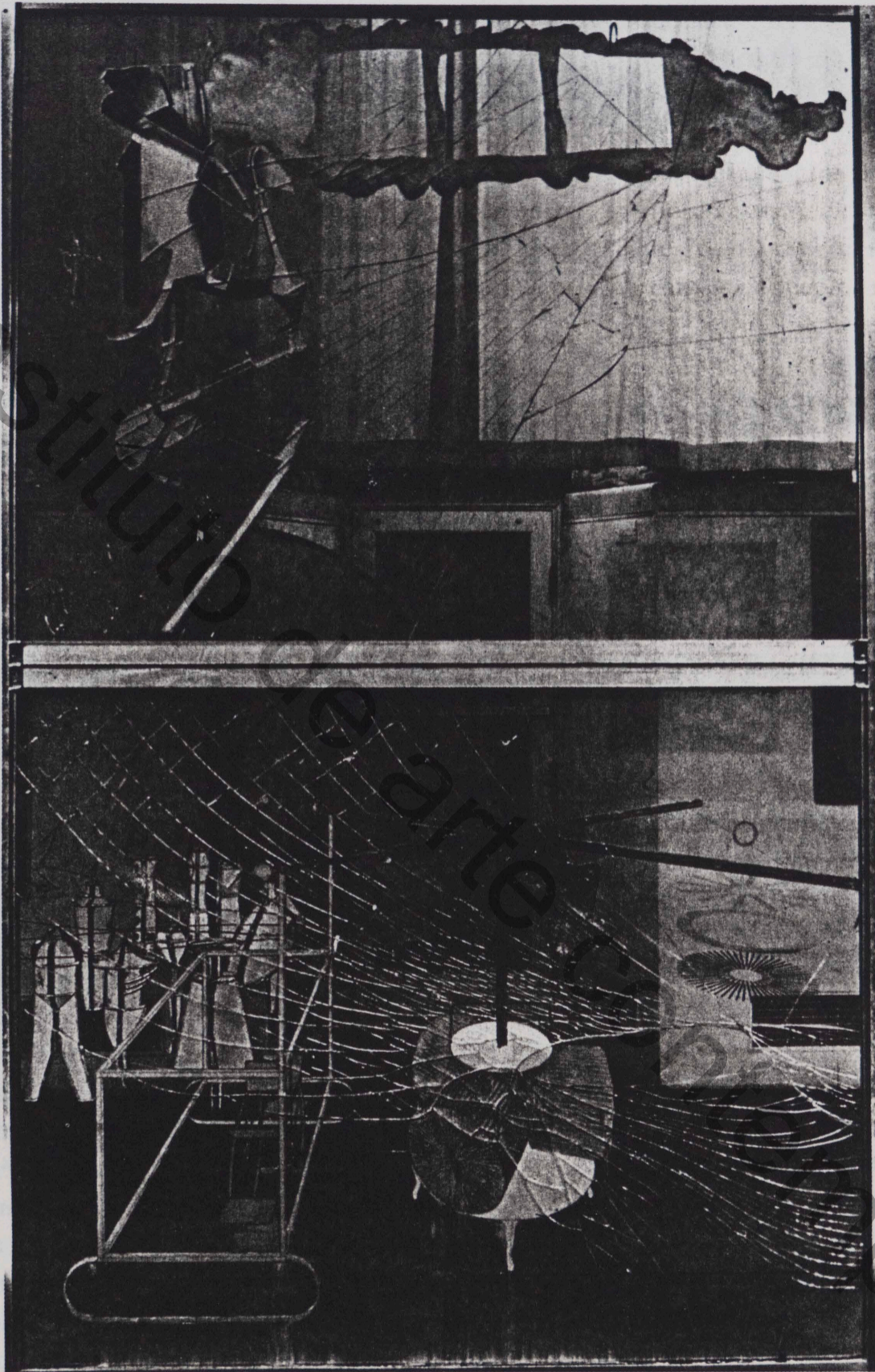
Nesta data, Duchamp está em polémica com o Cubismo analítico: recusa seu caráter estático, no qual reconhece um limite formalista. Neste quadro, introduz um elemento cinético: uma figura nua que desce as escadas individualiza as sucessivas posições, e liga-as num complexo ritmo de formas. Falou-se em analogia e provável relação com o dinamismo futurista; na verdade, são duas pesquisas diferentes. Para os futuristas (ver Boccioni e Balla), o movimento é velocidade, uma força física que deforma os corpos até o limite de sua

elasticidade, assim revelando, no efeito, o dinamismo invisível da causa. Em outros termos, o movimento é uma condição objetiva que dá ao objeto em movimento uma forma diferente da do objeto imóvel. Para Duchamp, ele determina uma mudança não apenas na conformação, mas ainda na estrutura do objeto: desmembra-o, altera o tipo morfológico de seus órgãos internos, muda o sistema de seu funcionamento biológico. O postulado de Duchamp é, pois, crítico, em relação seja ao Cubismo analítico, seja ao dinamismo futurista, seja ao dinamismo visual que Delaunay opunha à decomposição analítica cubista.

O movimento de uma pessoa que desce a escada é um movimento repetitivo, mecânico, semelhante ao movimento de uma máquina. Ao executá-lo, a pessoa passa do estado de organismo vivo para o de engenho ou máquina; o funcionamento biológico se transforma em funcionamento mecânico. Movimento repetitivo é também aquele a que, numa civilização da técnica, habitua-nos a familiaridade com as máquinas; portanto, a transformação do funcionamento biológico em funcionamento tecnológico é o destino que nos aguarda. É plenamente compreensível que, partindo dessa premissa, Duchamp tenha chegado a contestar *in toto* a cultura da sociedade moderna; é também facilmente explicável que este quadro tenha conhecido um enorme sucesso, gerando conseqüências profundas nos Estados Unidos (foi exposto, em 1913, no *Armory Show*, em Nova York), isto é, num



Marcel Duchamp descendo uma escada. Foto de estúdio para *Nu descendant un escalier* (1912).



Marcel Duchamp: *La mariée mise à nu par ses célibataires, même* (1915-23); diversos materiais sobre vidro, 2,71 × 1,74 m. Filadélfia, Museum of Art.

país onde a passagem do ambiente natural para o ambiente tecnológico fora mais rápida e traumática do que na Europa.

Como já foi visto a propósito do *Dadaísmo*, o pensamento de Duchamp é muito mais complexo do que pode parecer a partir dessa obra de juventude; mais que qualquer outro, Duchamp transformou as estruturas da teoria e da operação estética, chegando a negar que a arte seja o processo em que se realiza a ativi-

dade estética. Devem-se ressaltar, desde já, dois aspectos. Primeiro, o ceticismo e a ironia radicais, com que ele se nega a ver na tecnologia industrial uma “revolução” destinada a mudar a face do mundo. Ela nada tem de sério, é apenas uma das muitas mitologias ou mitomantias recorrentes da espécie humana. A obra a que se dedica logo após *Nu descendant un escalier*, *La mariée mise à nu par ses célibataires, même* (e que já se encontra além da pintura, visto abarcar todo um con-

junto de elementos gráficos sobre lâminas de vidro), estuda o ciclo contínuo de funções biológicas e tecnológicas, com ampla intervenção de simbologias inconscientes e alusões humorísticas; já pode ser considerada como uma contestação total da existência humana. Segundo, a tecnologia industrial, apesar de seu aparente racionalismo, realiza de fato os impulsos inconscientes, os desejos inexpressos da sociedade. Por isso, o quadro se preenche de implicações simbólicas, tanto mais evidentes quanto mais desaparece a figuração. É, pois, uma espécie de magia, que envolve todas as técnicas com que o homem tem expressado sua existência profunda, desde a alquimia à linguagem e ao jogo. A importância da personalidade extremamente singular de Duchamp reside, portanto, em ter sempre avançado contra a corrente, desvendando impiedosamente o que se encontra sob as censuras repressivas da sociedade moderna.

UMBERTO BOCCIONI
FORMAS ÚNICAS NA
CONTINUIDADE DO ESPAÇO

GIACOMO BALLA
AUTOMÓVEL CORRENDO

A “síntese dinâmica”, teorizada por BOCCIONI como uma das grandes descobertas do Futurismo, contrapõe-se à análise cubista: a análise implica um aprofundamento do dado e um processo lógico, ao passo que, para Boccioni, a emotividade imediata e traumática mantém-se como a condição primeira da arte.

O movimento é velocidade, a velocidade é uma força que concerne a duas entidades: o objeto que se move e o espaço em que ele se move. A sensação que se recebe de um corpo em movimento resulta da percepção do corpo e das coisas que estão paradas no espaço circundante, mas parecem mover-se com a mesma velocidade do corpo, em direção contrária. A forma única significa a forma unitária do corpo que se move e do espaço em que ele se move. O espaço é atmosfera, a atmosfera é colocada em movimento pelo corpo que a atravessa e exerce um impulso proporcional à velocidade. O

corpo, sob esse impulso, deforma-se até o limite da elasticidade.

Boccioni estuda o movimento de uma figura nua que caminha depressa. Faz uma estátua porque a ela está ligada, *ab antiquo*, a idéia de imobilidade. Não quer dar a sensação de que está em movimento: quer representar a forma permanente que assumirá a figura humana afeita às altas velocidades. Não terá a forma das aves e dos peixes se plasmado, ao longo do tempo, com o atrito do ar e da água (ou seja, do espaço ambiente) no vôo e no nado? Não importa que o homem alcance altas velocidades por meios mecânicos: Boccioni quer estudar os efeitos físicos da velocidade sobre a forma do corpo humano, mas quer também erguer o monumento ao Homem Veloz da civilização dinâmica. O fator psicológico é importante; com esta estátua, Boccioni inventou a forma *aerodinâmica*, que se tornará uma das formas típicas da morfologia e da iconografia de nossa época. E à qual, como todos sabemos, recorre-se tanto por motivos psicológicos quanto por exigências físicas objetivas.

O tema da figura humana em movimento já fora tratado na estatuária por Rodin, que tentara representar ao vivo o jogo dos músculos sob a pele e, na superfície, a rápida variação dos reflexos de luz. Boccioni discorda: a forma de um corpo em movimento é plasticamente diferente da forma do mesmo corpo parado. Discorda também de Duchamp, que, em *Nu descendant un escalier*, desmembrara as formas, multiplicara seus componentes, repetira-os ritmicamente: a forma deve ser única, deve sintetizar a anatomia do corpo e a anatomia do espaço. Os elementos que concorrem para formar a síntese são: 1) o jogo dos ossos e músculos (veja-se o nó plástico da anca); 2) a deformação elástica das massas sob o impulso das correntes atmosféricas (músculos peitorais, as pernas); 3) a materialização das massas atmosféricas em movimento (as aletas que se formam atrás das panturrilhas); 4) o desdobramento da imagem devido à permanência das imagens na retina (efeito já estudado por Balla).

Diferentemente de Boccioni, que representa uma figura humana de maneira bastante identificável, BALLA, em *Automóvel correndo*, elimina a “figura” do automóvel quase por inteiro. E entende-se: o corpo humano se adapta à velocidade, ao passo que o automóvel é *feito* para a velocidade, suas formas já são for-



Marcel Duchamp: *Nu descendant un escalier n° 2*
(1912-6); aquarela, tinta, lápis e pastel sobre
papel fotográfico, 1,47 × 0,89 m.
Filadélfia, Museum of Art.